

Crise diminui capacidade de crescimento

Campos do Jordão (SP) - A crise política está tirando a capacidade futura de crescimento da economia brasileira, por inviabilizar reformas que permitiriam a ampliação do consumo e da produção. O diagnóstico foi feito por Kenneth Rogoff, professor da Universidade Harvard e ex-chefe do Departamento Econômico do Fundo Monetário Internacional (FMI). Para ele, o crescimento do Brasil e de alguns países da América Latina neste ano será decepcionante frente à enorme oferta de recursos no mercado internacional. "O Brasil deveria estar crescendo a uma taxa média de 7% ao ano. E as incertezas políticas só estão tornando esse resultado mais distante", assinalou.

A mesma decepção com o Brasil foi demonstrada pelo economista Paul Krugman, da Universidade Princeton. "O país deveria centrar mais seu foco no crescimento econômico, pois já não existe mais qualquer risco de explosão inflacionária", afirmou. Só assim, acredita ele, o Brasil poderá resolver seus graves problemas sociais e reduzir a brutal concentração de renda. "Estou desapontado com a dificuldade para se revolver problemas essenciais na área social", acrescentou. Ele disse mais: "O decolar do Brasil parece ser apenas algo do futuro. Há décadas espero que a concentração de renda diminua. Tecnicamente, isso é pos-

Gabriel de Paiva/Ag. Globo



PAUL KRUGMAN: DESAPONTADO COM DIFICULDADES DO BRASIL PARA RESOLVER PROBLEMAS SOCIAIS

sível, pois existem recursos".

Na opinião do professor de Princeton, o Brasil e a América Latina vivem um momento de "perda de fé" em suas estratégias de desenvolvimento. Tal sensação, ressaltou, decorre de duas apostas frustradas. A primeira, no pós-Guerra, priorizava a expansão do mercado doméstico. A segunda, concebida há 20 anos, centrava-se na abertura da economia para o exterior. Mesmo trazendo benefícios pontuais, nenhuma das duas estratégias conseguiu levar a região a atingir níveis de crescimento satisfatórios.

Impeachment

Sempre comedido quando

questionado sobre a atual crise política brasileira, Krugman afirmou que, mesmo num quadro de renúncia ou de impeachment do presidente do Lula, ele não vê espaço para mudanças de rota na política econômica. "Não quero julgar a situação política brasileira. Mas acredito que as políticas fiscal e monetária não vão mudar. Pelo menos ninguém falou nisso até agora", destacou.

Para minimizar os efeitos de sua fala, Krugman comparou a situação de Lula com a do presidente Bush. "Em meu país, o presidente tem aprovação de apenas 36% da população, e 42% acreditam que ele deveria sofrer um impeachment por

não ter dado explicações plausíveis para a invasão no Iraque. Apesar disso, ninguém está fugindo do mercado de capitais dos Estados Unidos", disse.

O economista ressaltou, porém, estar preocupado com a explosão da bolha do mercado imobiliário norte-americano nos próximos três anos. "Pelas minhas contas, essa bolha (preços inflados) não passa da próxima primavera (março a junho), resultando em uma crise que derrubará o crescimento dos EUA de 3,5% para algo como 0% e 1%" previu. "Mas creio que os resultados da crise não afetarão muito os países emergentes, como o Brasil." (VN)